

CARLOS SCHAEFER E SEU DIÁRIO

Sérgio Weber

Resumo: *Apresentação de dados biográficos e de diário inédito de imigrante alemão do princípio do século XIX, com observações a respeito do seu conteúdo.*

Abstract: *Presentation of biographical elements of a German immigrant at the beginning of the nineteenth century and his unpublished diary, even so remarks about its contents.*

Introdução

Um dos mais interessantes e raros documentos gerados pela emigração dos povos de língua alemã para o Brasil é o diário escrito durante uma viagem.

Tal documento, a próprio punho e enriquecido, paulatinamente, com impressões de cunho pessoal, descrições, tem, na sua disposição rigidamente cronológica, a característica básica desse gênero documental.

Carlos Frederico Schaefer (1811-1866) ao pretender, com toda a certeza, se fixar no Brasil, iniciava o seu diário em Bremen, em agosto de 1838 quando, a bordo do “Clementine”, buscava o Novo Mundo. Tornou-se esse um manuscrito de real valor para a memória da família Schaefer no Estado de São Paulo. Inédito, este documento ora traduzido pelo autor deste artigo, torna possível o resgate das sensações desse moço de então vinte e sete anos que abandonara a sua já impossível Silésia natal para, na Província de São Paulo, viver o restante de sua vida, ou seja, mais uns vinte e oito anos.

Comentar as observações neste documento contidas, julgadas como de maior interesse, é o intuito deste trabalho.

Os enjôos, durante os primeiros dias de viagem eram para todos. Uma notícia, a princípio, preocupava, mas depois se tornou causa de alegria: foi o nascimento de um menino, dos tantos que se lêem nos registros de bordo daqueles tempos...

Após a sua passagem pelo litoral da França, em 22 de agosto, o que chamou a atenção de Schaefer foram as duas varas em cruz, lançadas ao mar pelo capitão, tendo, em seus terminais, uma garrafa com aguardente e outra com folhas de papel de carta. Uma tradição, uma superstição gerada pela insegurança generalizada a bordo, um pedido de socorro?

Um espetáculo tétrico, em contrapartida, ocorreu em 1^o de setembro, possivelmente no Golfo de Biscaia, quando o cadáver de uma criança foi visto agarrado a uma prancha, boiando em meio às vagas.

Em seguida, uma nova preocupação: a maior das velas do navio se rompeu com a fúria dos ventos, em 6 de setembro.

Agora, as Ilhas Canárias lhes proporcionavam algumas alegrias, lembrando o vinho e os canarinhos tão bem conhecidos. Ainda nessa região, ancorado o barco para receber víveres, o Major Bloem, comandante do batalhão, tentou, sem êxito, desembarcar numa das ilhas.

Os tradicionais “banhos de Netuno” aconteceram em 3 e 4 de outubro, com grande festividade a bordo, ao atravessarem a linha equatorial. Estavam, agora, no hemisfério sul.

Ele menciona o Brasil, pela primeira vez em seu diário, em 7 de outubro de 1838, possivelmente já no litoral nordestino.

Um fato, talvez o mais digno de nota, e, certamente, a primeira impressão de Schaefer em águas brasileiras, foi a visão de uma jangada. Ele procura descrevê-la, em 8 de outubro, em seus relatos sem, no entanto fazer menção da *Floss*, elemento flutuante semelhante, em uso na Alemanha de seu tempo. Não foi ele o primeiro viajante a observar tão informal equipamento.

Estes estranhos estrados flutuantes foram vistos desde as viagens às Índias efetuadas pelos navegantes portugueses ao menos, tendo a palavra *jangada* origem na língua malaiala.

Foi ela, por Pero Vaz de Caminha (1500), mencionada, simplesmente, como uma *almadia*. Jean de Lery (1557) a chamou de *piperi*, como os tupinambá. Damião de Góes (1558) e Pero de Magalhães Gândavo (c. 1570) a ela se referiram já como *jangadas*, sendo que este primeiro as descreve como uma bastida.

No século XVII, Jorge Marcgrave e Joan Nieuhof as chamam de *igapeba*, assim conhecida pelos indígenas do Recife.

A jangada deixou de evoluir a partir desses anos seiscentistas, ao contrário do restante da náutica, produzindo, nos séculos seguintes, um crescente contraste entre ela e as demais embarcações. É provável que tais diferenças venham chamando a atenção, cada vez mais, dos viajantes nos mares, assim como, também, pela bravura das pequenas tripulações jangadeiras.

Espanto e admiração foi o que aconteceu com Henry Koster, em 9 de

dezembro de 1809, e com Wied-Neuwied, em 27 de junho de 1815 no Recife, com Tollenare em Itamaracá, em 12 de novembro de 1816.

Após esse relato de Schaefer em 1838, ainda se tem notícia, em registro feito em 12 de abril de 1865 por Elisabeth Cary Agassiz, de seu assombro diante das jangadas, quando também de sua passagem pelo litoral nordestino.



Jangada cearense na Praia de Canoa Quebrada, Fortaleza, em 2003

No entardecer de 18 de outubro, olhando de frente a Fortaleza da Barra Grande (Ilha de Santo Amaro), na barra de Santos, SP, o “Clementine” lança ferros e é recebido com salvas por esse forte.

Ele traz a bordo não só o major Johann Bloem que retornava para assumir a direção da Fábrica de Ferro Ipanema, de Araçoiaba, mas também todo um batalhão de engenharia, assim como o engenheiro-agrimensor Carlos Abrão Bresser e o próprio Carlos Schaefer com outros contratados. Com as esposas e filhos de alguns, perfaziam duzentos e setenta e sete passageiros.

O destino deles seria a Serra do Cubatão e sua missão a construção do caminho, pela Serra, para o Planalto, para São Paulo.

Manteve-se ele, inicialmente, no Cubatão, em Santos, tendo, então, se casado com Anne Marie Bever. Sua primeira filha, Philipina Marie, nessa cidade nasceu.

Depois, se fixou, definitivamente, em São Paulo, no Acu, atual bairro de Santa Ifigênia, na então rua Nova do Acu, hoje rua do Seminário.

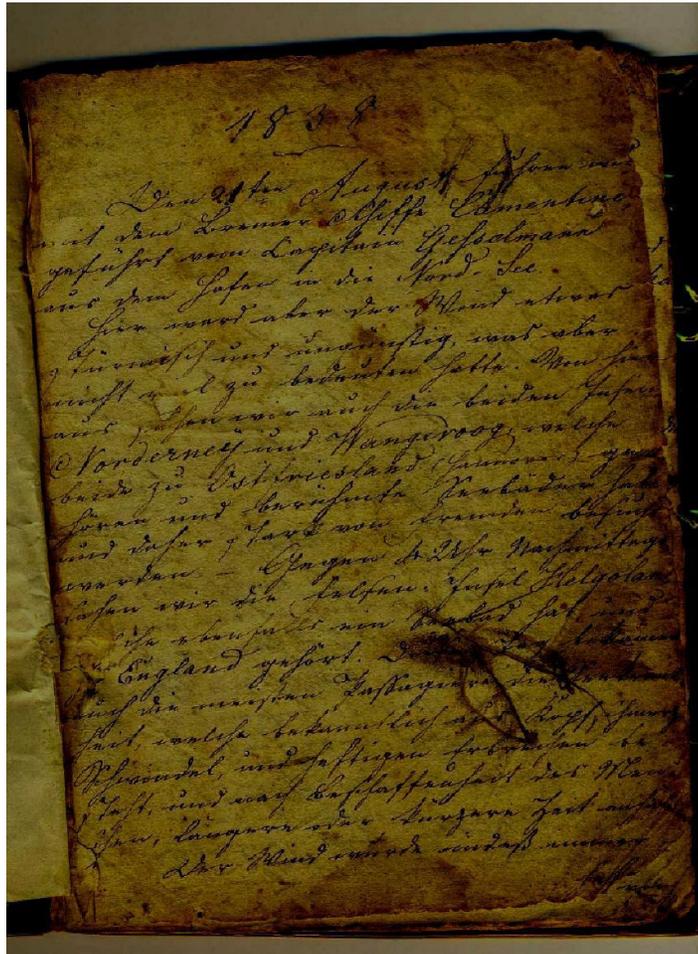
Nessa cidade, como pequeno empresário, era proprietário de um hotel, junto à atual rua Capitão Salomão, tendo ali reunido um armazém para atender ao gosto da colônia alemã local (*Vendist*). Ainda mantinha, anexo, um pátio com pistas para bolão ou boliche (*Kegelbahn*), “uma genial idéia”, segundo a crônica daqueles dias...

Preocupado com a educação de seus filhos, problema de tantas outras famílias de suas relações, Schaefer contrata moderno mestre-escola e organiza, em sua casa, uma classe escolar, reunindo, assim, várias crianças de famílias conhecidas como, Bresser, Palm, Schritzmeier, Schaumam e outras. Foi esta classe considerada como uma das primeiras na cidade, motivando a fundação da pioneira grande escola alemã em São Paulo.

O professor Carl Constantin Knüpell, em 1º de dezembro de 1862, em discurso de encerramento do mencionado curso, se dirigindo a Schaefer como fundador, curador e protetor constante da escola alemã, disse: “O Sr. fundou a primeira escola alemã em São Paulo”.

O casal Schaefer teve dez filhos, quarenta netos e já tem cinco gerações no Brasil. Carlos Frederico Schaefer, de família prussiana, nasceu na Silesia (Alemanha) em 12 de janeiro de 1811 e faleceu em São Paulo em 5 de setembro de 1866.

Seu diário, documento inédito da imigração alemã em São Paulo, está completando, como se pode constatar, cento e setenta anos de idade.



Página inicial do diário de Carlos Schaefer escrito em alfabeto gótico cursivo

DIÁRIO DE CARLOS SCHAEFER 1838

Aos vinte e um dias do mês de agosto embarcamos no navio “Clementine”, de Bremen, comandado pelo capitão Gehselmann no porto do Mar do Norte.

Ali tornou-se o vento bastante tempestuoso e contrário, mas não o suficiente para preocupar. Daí viajando, passamos junto às Ilhas Nordeney e também

por Wangeroog, perto da Frísia Oriental (Hannover), onde se encontram os balneários que tanto prazer oferecem aos que o visitam. Às 4h da tarde vimos os rochedos da Ilha Helgoland a qual possui também um balneário e pertence à Inglaterra. Neste dia sobreveio também, para a maioria dos passageiros, o enjôo o qual, como se sabe, causa dor de cabeça, tonturas e violentas ânsias de vômito e que dura muito ou pouco tempo, de acordo com a natureza das pessoas.

O vento se tornou, então, continuamente violento; desta maneira o navio se inclinava e tudo o que era bagagem frágil foi amarrado para que nada fosse destruído.

22 de agosto- Na manhã deste dia a tempestade se acalmou e tudo se tornou sossegado.

Fomos obrigados, desta forma, a ficar ali bordejando bastante o dia inteiro, o que também aumentou o enjôo de todos no navio. Quase todos fazendo viagem marítima pela primeira vez, apresentavam este estado de saúde. O gado novo que tínhamos a bordo sofreu bastante com esse mal. Temos a bordo 2 bois, 2 vacas, 4 vitelas, 4 porcos, 8 ovelhas, 20 gansos, outro tanto de patos e frangos e algumas pombas.

23 de agosto- O tempo se tornou totalmente calmo; tivemos, também, vento favorável. O enjôo permitiu irmos ao convés o que é bom para a gente se acostumar tanto com o ar marinho como com o baloiço do navio.

Vimos também diversos navios, alguns deles com muitos passageiros a bordo e que se dirigiam para Baltimore, na América do Norte.

24 de agosto- O tempo estava muito bom e bastante náusea tornou a aparecer. Também ocorreu que uma senhora pediu socorro ao médico de bordo, felizmente, para dar à luz a um menino. À tarde passamos junto aos faróis de Dover e de Calais.

25 de agosto- Bem cedo estivemos no estreitíssimo canal, de 90 milhas de extensão. Pudemos ver, também, dali as costas inglesa e francesa.

26 de agosto- Hoje estava esplêndido o tempo. Estivemos, por um lapso de tempo, vendo a distante costa inglesa e pudemos dali distinguir objetos com bastante nitidez, nas margens, com as quais ficamos estatelados com o lindo panorama. Nós vimos também um vaso de guerra holandês que se dirigia para a Batávia, nas Índias Orientais.

27 de agosto- Hoje estava calmo o vento e pouco nos deslocamos. Pudemos ver ainda a costa inglesa.

28 de agosto- Tempo agradável e bons ventos. Hoje vimos a ilha inglesa Whight a qual fica defronte a Portsmouth.

29 de agosto- Ventos desfavoráveis. Pela manhã vimos a costa da França novamente; um elevado maciço é visto por detrás de Cherburg. À tarde vimos Portland.

Agora velejando alcançamos a extremidade do Canal já no Mar da Espanha. O capitão colocou, então, sobre duas garrafas um par de varas cruzadas, ligadas entre si e mergulhadas n'água; uma delas foi enchida com aguardente e a outra, ao contrário, escondia uma folha de papel; assim o navio, felizmente, celebrou a perigosa passagem do Canal. É uma velha tradição entre os navegantes que atravessam o Canal na eminência de uma tempestade muito perigosa a enfrentar.

30 de agosto- Hoje tivemos ventos muito desfavoráveis. Terra já não vimos mais.

31 de agosto- Pouco vento. Vimos muitos animais marinhos acompanhando o navio; seis peixes foram pescados; Vimos também um navio de passageiros que ia para a América do Norte.

1º de setembro- Pouco vento. Vimos novamente diversos navios e também o cadáver de uma criança agarrado a uma prancha ao sabor das vagas.

2 de setembro- Bons ventos. Vimos também três patos selvagens.

3 de setembro- Bons ventos. Diversos navios navegam ao longe; nós vimos também grande quantidade de peixes e pássaros.

4 de setembro- Bons ventos, mas forte e persistente chuva. Não pudemos hoje sair para o tombadilho.

5 de setembro- Ventos fortes. Algumas pessoas tiveram enjôo novamente.

6 de setembro- Às 9 horas chegou novamente um vento forte; às 12 horas ele se tornou mais forte ainda e, então, foi necessário recolher a vela principal. Assim mesmo ainda se abriu um rasgo na grande vela.

7 de setembro- Até às 4h da manhã durou o murmúrio quando tivemos bons ventos e bom tempo. Vimos também dois navios.

8 de setembro- Bom vento e bom tempo.

9 de setembro- Tudo igual. Chegada a tarde vimos duas das Ilhas Canárias, denominadas Porto Santo-Desertes e Madeira. Nesta última se destaca o famoso vinho que tem o nome desta ilha. Também nessas ilhas estão os nascedouros dos tão queridos pássaros, os canarinhos.

10 de setembro- Lindo tempo e bons ventos. Chegada a tardinha vimos as cadei-

as montanhosas da Ilha de Palma a qual pertence também às Ilhas Canárias. O Sr. Major Bloem manifestou grande alegria em visitar a ilha. O capitão deixou aqui a maioria das velas recolhidas para que o navio não encalhasse na praia por acaso durante a noite.

11 de setembro- Nesta manhã nós nos encontramos a uma distância aproximada de uma milha da Ilha e contamos com uma linda paisagem. O major e sua sobrinha, o 1º Piloto e quatro marinheiros partiram em bote para a ilha. Nosso navio, entretanto, em frente a ela, navegava para lá e para cá até às 4h da tarde quando eles retornaram. Trouxeram uma variedade de frutas, tais como: bananas, abacaxis, uvas e bananas malaias (pisang). À própria ilha quiseram ir, mas isto não se tornou possível porque o guarda-costas, por ordem do governador espanhol, isto recusou, fato que, para eles resultou num dia de intolerável irritação.

12 de setembro- Ventos favoráveis. Hoje vimos também os primeiros peixes voadores. Eles são como arenques e têm nadadeiras bem longas, tão longas que são capazes de voar sobre a superfície para, em seguida, novamente mergulhar nas águas.

Nós já atravessamos o trópico e estamos na Zona Tórrida.

13 de setembro - Bom vento e lindo tempo.

14 de setembro- Bom vento. Vimos, várias vezes, todo um cardume de peixes voadores.

15 de setembro- Pouco vento. Sem novidades.

16 de setembro- Bons ventos.

17 de setembro- Tempo encoberto. Hoje vimos a Ilha de Santo Antônio, com sua montanha de 8 000 pés de altura.

18 de setembro- Bons ventos. Vimos grande quantidade de grandes peixes del-fins, como são denominados.

19 de setembro- Ventos desfavoráveis. Vimos hoje dois navios. Também uma andorinha sobrevoava o nosso navio.

20 de setembro- Pela manhã tivemos pouco vento. Logo depois ele aumentou em nossas velas. Voava, também, sobre o navio uma ave.

21 de setembro- Ventos desfavoráveis e tempo chuvoso.

22 de setembro- Vento desfavorável. Hoje foi aprisionado um tubarão de 200 kg. Nós também vimos um navio inglês em nossa direção do qual um bote veio a nós em que se encontravam o piloto e alguns marinheiros a fim de comerciar.

Seus pedidos eram bastante tabaco com que foram também presenteados. Eles vinham de Londres e se dirigiam para as Índias Orientais.

23 de setembro- Ventos calmos e chuva.

24 de setembro- Ventos fortes e contínuos.

25 de setembro- Ventos desfavoráveis e tempo chuvoso. Também vimos um navio.

26 de setembro- Ventos calmos e tempo chuvoso.

27 de setembro- Ventos desfavoráveis. Vimos novamente um navio.

28 de setembro- Ventos desfavoráveis e chuvas.

29 de setembro- Pouco vento, mas bom tempo.

30 de setembro- Tudo igual.

1º de outubro- Ventos desfavoráveis. Uma ave marítima voa sobre o nosso navio e é abatida. Ela cai no mar.

2 de outubro- Ventos desfavoráveis. Um dos nossos bois precisou ser abatido a bordo.

3 de outubro- Bom vento e bom tempo. Quando já ia se tornando preta, trazida por marinheiros uma barrica ardente contendo piche, alcatrão, resina, etc foi colocada no mar. Isto significava que tínhamos atravessado a linha do sol.

4 de outubro- Bons ventos. Hoje tivemos uma grande festa. Às 8 h da manhã vieram dois marinheiros fantasiados de Netuno e sua mulher para o convés. Seus trajes tinham alto disfarce de maneira a ser, de imediato, impossível de se reconhecer. Primeiramente se dirigiram ao capitão do navio, fazendo-lhe diversas perguntas. Depois de responder a todas estas perguntas conclamou a todos os que ainda não tivessem se submetido ao batismo da água quando da passagem da linha que ali permanecessem para este ato, mantendo-se junto a Netuno e informando nome, idade e situação, dados estes que foram registrados em um grande livro.

Seguidamente tornaram a perguntar se já alguma vez celebraram a passagem da linha; se a resposta fosse negativa, imediatamente a barba- ou, então, todo o rosto- com fuligem, alcatrão, etc, era pintado se tornando, assim, bem escuro, retirava este sabão de barba, sob ruidosa gritaria e risadaria dos espectadores, com uma enorme navalha de madeira bem afiada. Em seguida derramava bastante água sobre as cabeças.

Logo mais passaram por todos para recolher alguma gratificação volun-

tária que lhes fosse oferecida.

5 de outubro- Tivemos hoje ventos favoráveis. Voou novamente sobre o nosso navio uma ave marítima.

6 de outubro- Bom vento e bom tempo.

7 de outubro- Bom vento. Nesta tarde atingimos as proximidades da costa do Brasil.

8 de outubro- Ventos e tempo favoráveis.

Logo que nasceu o dia vimos, verdadeiramente, a costa brasileira para a nossa grande alegria, Também vimos dois navios dos quais um era de Hamburgo. À tarde vimos dois navios pesqueiros.

Do nosso navio fizeram, em dado momento, sinais; daí um deles se aproximou de nós e, assim, desse jeito ficou. Esperávamos que fosse uma embarcação comum. Cinco ou seis troncos de árvore reunidos entre si constituíam o barco; atravessada, uma viga na qual estava espetada uma vara, tendo nela uma banda de tecido de algodão servindo esta como vela. Nesta tosca embarcação se encontravam dois homens: um mulato e um negro. Um deles veio até nós a bordo, para vender, com sua embarcação presa ao navio. Depois disso se afastaram novamente para o largo, após trazerem para o capitão, ainda, pão, carne, aguardente e um barril de água potável.

9 de outubro- Bom Vento. Navegamos sempre afastados da costa e ainda de maneira que eles não nos conseguem ver.

10 de outubro- Bom vento e bom tempo.

11 de outubro- Tudo na mesma. Vimos hoje um navio dinamarquês.

12 de outubro- Bom vento. Uma das vacas que estão a bordo deu à luz.

13 de outubro- Bom vento e bom tempo.

14 de outubro- Vento desfavorável e tempo chuvoso. Aproxima-se bastante de nós um navio de Gênova, indo para o Rio de Janeiro.

15 de outubro- Bom vento, bastante chuva. Vimos diversos pássaros e, também, o chamado cachalote. À tarde, pudemos ver terra novamente e era Olinda, pertencente a Pernambuco.

16 de outubro- Vento calmo, mas bom tempo. Nós vimos hoje duas ilhas denominadas Cabo Frio e Cabo de São Tomás. Nessa última existe um telégrafo. Nesta direção está o Rio de Janeiro. Passamos o trópico e estamos, novamente, na Zona Temperada.

17 de outubro- Vento calmo e bom tempo. Veio, bem junto de nós, uma tartaruga.

18 de outubro- Vento favorável e bom tempo. Hoje vimos terra a toda a nossa volta. Nós imaginávamos ali que, em breve, estaríamos chegando ao nosso destino. Navegamos junto à Ilha Grande, mas proximidades de São Sebastião. Nesta última é feito o melhor aguardente. Além dela ficam os pequenos rochedos da Ilha Adakras. (1) À tarde alcançamos uma estreita baía que emoldura a cidade e o porto de Santos. Às 6 h da tarde fomos para a frente de uma pequena fortaleza a qual saldou o nosso navio com uma salva de cinco tiros e, então, ancoramos. Junto deste fundeadouro nós ficamos ainda dentro do navio, durante espantosa calmaria, enquanto o navio permanecia com sua proa virada de frente para a terra.

Felizmente havia água bastante e isto veio a tempo para diminuir os males. O Sr. Major se dirigiu logo para Santos a fim de informar sobre nossa chegada.

19 de outubro- Vento calmo, mas bom tempo. Hoje veio o comandante junto com o doutor a bordo, para a todos examinar. Então somente poderíamos desembarcar aproximadamente dentro de uma hora.

20 de outubro- Ventos muito favoráveis. Às 10 h da manhã estávamos em frente à cidade de Santos. Em todos os três mastros, assim como da parte posterior, tremulava uma bandeira. A cidade, igualmente, nos homenageou com uma salva de cinco tiros de canhão. Foi um movimentado domingo, de muita reunião com muitas pessoas em terra e em nosso admirado e imponente navio. Naqueles dias, muitos alemães ali fixados também nos vieram visitar. Também cercavam o navio alguns “kanots” para vender, a bordo, fumo, aguardente e uma diversidade de frutas. Nós precisamos ficar, ainda neste dia, no navio.

21 de outubro (2)- Fez hoje um tempo maravilhoso. Hoje conhecemos o Estatuto da Terra, em seguida, nós, antecipadamente, almoçamos. Pode-se, desta maneira, sentir completa alegria por esta grande e feliz viagem concluída em 9 semanas. Nós já tínhamos feito cerca de 2400 milhas (ilegível)

 (3).

Fim.-

Notas do tradutor:

- (1) deve tratar-se da Ilha Alcatrazes.
- (2) nota-se, no original, que a data foi alterada, certamente por ele mesmo, para 22 de outubro.
- (3) as últimas linhas, cinco ou seis delas, possivelmente se estragaram tendo sido colado um papel em substituição, em branco.

São Paulo, 1º de maio de 1991

Sérgio Weber

Pesquisa M.G.H.Família Weber / nº 27/1990.-

Fontes consultadas:

- ALMANACK PAULISTANO – 1857.
- BEGRICH, Martin(P.).Kirchengeschichtliche...(1858-1866).(Histórico Eclesiástico). São Paulo, 1936.
- CÂMARA CASCUDO, Luis (da). *Jangada. Uma pesquisa etnográfica*. São Paulo, 2002, 2ª. Edição, Global, 170 p.
- Diário de Carlos Schaefer, manuscrito 8x6 pol., 1838. Cadernos de Família- 2.10-M.G.H.Família Weber.São Paulo.
- Diário de Carlos Schaefer - **Tradução** para o português por Sérgio Weber- Pesquisa Interna nº 27/ 1991. M.G.H.F. Weber.
- KNÜPELL, Carl Constantin. *A escola alemã em agradecimento*. São Paulo, 1862 - M.G.H.Fam. Weber.
- MAGALHÃES GÂNDALO, Pero(de). *A primeira História do Brasil*. História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil. Rio de Janeiro, 2004, Zahar. (Cap.X, p 144).
- SOMMER, Friedrich. *Die Deutschen in São Paulo*. (Alemães em São Paulo). Inédito. P.414-36. Instituto Hans Staden-S.Paulo.
- WEBER, Marcus. *Jangada em Fortaleza, 2003*, foto em papel, cores, 10x15 cm, São Paulo, Acervo Particular.